

FALANGE ESPANHOLA NO BRASIL

Eliane Venturine

Colégio de Aplicação – COLUNI
Universidade Federal de Viçosa (UFV)
Campus UFV, Viçosa – MG
36570-000
brancaventurine@yahoo.com.br

Resumo: Entre os partidos fascistas que surgiram no mundo nos anos 30, Falange Espanhola foi um dos mais significativos, chegando a implantar suas células em vários países da América Latina. Entretanto, praticamente não há informação sobre esse partido em publicações brasileiras. Esse artigo tem por objetivo informar sobre a criação da Falange Espanhola, e esclarecer alguns pontos sobre a atuação dos falangistas no Brasil, baseado em pesquisas em vários arquivos espanhóis.

Palavras-chave: Falange Espanhola, fascismo, Brasil.

Abstract: Between the fascists parties who had appeared in the world in years 30, Falange Espanhola was one of most significant, arriving to implant its cells in some countries of Latin America. However, it practically does not have information about this party in Brazilian publications. This article has for objective to inform about the creation of the Falange Espanhola, and to clarify some points on the performance of the falangistas in Brazil, based on research in some Spanish archives.

Keywords: Spanish phalange, fascism, Brazil

Muito se tem estudado sobre a atuação de partidos estrangeiros no Brasil e sua influência sobre os imigrantes que aqui residiam no período imediatamente anterior à Segunda Guerra Mundial (1939-1945), especialmente o Partido Fascista italiano e o partido nazista alemão. Mas quase nada se sabe sobre a Falange Espanhola, partido de índole fascista criado nos anos 30 na Espanha

e a atuação do mesmo entre os imigrantes espanhóis no Brasil. Pesquisas recentes em arquivos espanhóis, estão trazendo à tona muitas informações inéditas sobre esse tema [1].

A ascensão e consolidação do fascismo na Itália entre os anos 20 e 30 do século XX repercutiram em todo o mundo. O êxito do governo de Mussolini que, visto de maneira superficial, parecia tirar seu país da miséria e garantir a permanência das classes conservadoras no poder, era visto pelas direitas de outros países como um “milagre” que deveria ser implantado em todo o mundo e a todo custo. Isso gerou o aparecimento de uma série de partidos fascistas ou “fascistizados” em vários países. Na Espanha, o partido que mais absorveu os ensinamentos do fascismo italiano foi, sem dúvida, Falange Espanhola.

A Falange não foi o primeiro grupo de inspiração fascista que surgiu na Espanha. Antes, em 1931, um grupo, liderado pelo escritor Ramiro Ledesma Ramos (1905-1936), fundou uma publicação chamada *La Conquista del Estado* e através da mesma passaram a defender a implantação de um estado totalitário espanhol, além de exaltar a juventude e o nacionalismo e, como todo grupo simpatizante do fascismo, condenar radicalmente o marxismo. Entretanto, essas idéias não conseguiram muitos adeptos na Espanha daquela época porque então existiam vários partidos de direita que abarcavam as mais variadas nuances políticas, absorvendo os possíveis adeptos do fascismo espanhol. Além disso, boa parte do proletariado espanhol era ligado ao socialismo e a grupos anarquistas. Portanto, obter adeptos entre os trabalhadores espanhóis não foi uma tarefa muito frutífera para os defensores da causa fascista, o que comprometia o crescimento desses partidos.

Devido a essa dificuldade em conseguir adeptos, o que, conseqüentemente, gerava dificuldades financeiras, o grupo de Ledesma, que atuava em Madrid, uniria suas forças com outro grupo simpatizante do fascismo que atuava em Valladolid, as *Juntas Castellanas de Actuación Hispánica*, então lideradas pelo advogado e político Onésimo Redondo (1905-1936). Pese a algumas divergências ideológicas, em fevereiro de 1934 os dois grupos se uniram e deram origem às JONS (*Juntas de Ofensiva Nacional-Sindicalista*). Mas nem mesmo essa união de esforços foi satisfatória.

Pouco antes, em outubro de 1933, surgia em Madrid um novo partido, a Falange Espanhola, liderada por José Antônio Primo de Rivera (1903-1936), advogado, filho de Miguel Primo de Rivera (1870-1930), que havia governado Espanha de forma ditatorial entre 1923 e 1930. A Falange Espanhola defendia a implantação de um estado totalitário, o uso da violência e abominavam o comunismo. Formaram milícias uniformizadas (os “camisas azuis”), que faziam a típica saudação fascista com o braço direito estendido. Apesar de todas essas características, negavam que se inspiravam no fascismo italiano devido ao nacionalismo do partido, o que impediria a importação de ideais estrangeiros. Os falangistas destacavam em seus discursos o catolicismo e o mundo agrário, valores importantes para boa parte do povo espanhol daquela época; isso porque, assim como os vários partidos fascistas que surgiram em todo o mundo naquela época, foi necessária uma adaptação dos conceitos fascistas à realidade de cada país para conseguir mais adeptos.

Assim como os outros grupos de extrema direita, Falange teve sérios problemas para se expandir. A necessidade de sobrevivência fez com que em fevereiro de 1934 ocorresse a fusão de Falange Espanhola e o grupo das JONS [2]. O novo partido se chamaria *FE de las JONS (Falange Española de las Juntas de Ofensiva Nacional-Sindicalista)* e em pouco tempo teria como chefe único José Antônio. A finalidade dessa fusão era unir suas forças e tentar obter uma projeção maior no cenário político espanhol. Mesmo assim, o futuro não parecia muito promissor. Em números de afiliados, Falange contava com uns dois mil e JONS com apenas trezentos; entre eles, gente de classe média em sua maioria, e um reduzido número de trabalhadores e camponeses.

No final de 1934, foram elaborados os “27 Pontos”, um programa ideológico que confirmava o caráter fascista do partido, ao defender o corporativismo, o totalitarismo e o antimarxismo. *FE de las JONS* passava por momentos difíceis, com disputas internas, graves problemas financeiros e praticamente nenhuma expressão nacional. Mesmo com uma ajuda financeira promovida pelo próprio Mussolini, o partido não conseguia deslanchar: nas eleições de fevereiro de 1936, Falange conseguiu apenas 1% dos votos; a coalizão de partidos de esquerda, a Frente Popular, foi a grande vitoriosa nessa eleição.

Apesar de Falange ser um partido pequeno, suas idéias e a violência de suas milícias incomodavam os grupos de esquerda. Assim, logo após a vitória nas urnas, o governo socialista sentiu a necessidade de acabar com o movimento fascista espanhol. José Antônio foi preso acusado, entre outras coisas, de porte ilegal de arma e de atividade política ilegal, e as sedes falangistas foram fechadas em todo o país.

Os atritos entre o governo republicano espanhol e os grupos conservadores se intensificariam dia a dia, até que em julho desembocariam em uma insurreição militar liderada pelo General Francisco Franco (1892-1975), que levaria o país a um sangrento conflito, a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), que dividiu o país entre republicanos e franquistas. Os falangistas se uniram aos militares rebeldes, participando ativamente dos conflitos através de suas milícias.

José Antônio seria julgado e condenado a morte, sendo fuzilado em novembro de 1936. *FE de las JONS* perderia seu grande líder. Mas Franco não desprezou o poder das milícias do partido, que haviam crescido intensamente durante a guerra, graças a afiliação de adeptos de outros partidos de direita que não possuíam milícias. Através do Decreto de Unificação em abril de 1937, Franco extinguiu os demais grupos de direita na zona ocupada por seus exércitos e transformou o partido de José Antônio em Falange Espanhola Tradicionalista e das Juntas de Ofensiva Nacional-Sindicalista (*FET y de las JONS*). Com a posterior vitória de Franco sobre a República Espanhola, Falange seria o único partido político existente na Espanha até a morte do ditador em 1975.

Essa é, em resumo, a história de Falange na Espanha. Como e quando Falange se instalou em terras brasileiras e sua atuação no seio da colônia espanhola são pontos até agora cheios de interrogações e que aos poucos vão sendo desvendados.

A expansão internacional de Falange iniciou-se a partir de janeiro de 1936, quando o partido ainda estava sob orientação de José Antônio. A primeira célula falangista fora do território espanhol surgiu em Milão, e mais tarde, sob o controle de Franco, houve um incremento no número dessas células, graças a um organismo do partido criado especialmente para sua expansão, o Serviço Exterior de FET e das JONS. No continente americano surgiram grupos

falangistas inicialmente em Chile, Argentina, Cuba, México e Uruguai. Mas onde houvesse uma colônia de espanhóis, o governo de Franco incentivaria o surgimento de uma representação do partido; assim, surgiriam células falangistas em praticamente todo o mundo, ainda que o grau de desenvolvimento de cada célula se deveu a características particulares de cada país. Por isso, a implantação de departamentos do partido, como a Seção Feminina, dependia diretamente da receptividade de Falange em cada colônia espanhola. A Seção Feminina existia em Espanha desde junho de 1934, quando Pilar Primo de Rivera, irmã de José Antônio, decidiu criar uma seção de mulheres para ajudar Falange nos trabalhos de propaganda, arrecadação de dinheiro e ajuda social. No caso do Brasil, apesar do grande número de imigrantes espanhóis e seus descendentes, os falangistas não obtiveram o êxito que esperavam, como veremos.

A primeira célula falangista no Brasil foi fundada em agosto de 1937, no Rio de Janeiro. Nessa época o país vivia uma intensa atividade política, pois o presidente Getúlio Vargas (1883-1954) se dedicava a retirar de seu caminho os seus opositores, preparando-se para a implantação de uma ditadura, o que ocorreria em novembro desse mesmo ano. A fundação de FET e das JONS no Rio de Janeiro efetivou-se graças a atuação de antigos funcionários da embaixada espanhola no país. Ao iniciar a guerra civil em Espanha, os funcionários de todas as embaixadas espanholas espalhadas pelo mundo que eram simpatizantes com a causa franquista, abandonaram seus postos, e passaram a defender os ideais de Franco. No Brasil, ocorreu o mesmo processo, e os funcionários das embaixadas espanholas em várias cidades brasileiras como Rio de Janeiro, São Paulo e Santos que deixaram seus postos para atuar em pro da causa franquista iniciaram atividades políticas como se fossem uma “embaixada oficiosa” em terras brasileiras. Entre outras atividades, fundaram um núcleo da Falange, que teria então a função de arrecadar donativos para o exército de Franco, especialmente entre os membros da colônia espanhola. Em pouco tempo já havia representantes da Falange em Porto Alegre, Livramento, São Paulo e Santos, e grupos destinados à arrecadação de donativos em várias cidades onde houvesse um número expressivo de espanhóis.

A organização do partido no Brasil seguiria um organograma básico: as delegações menores, fundadas em cidades brasileiras onde houvesse um número significativo de espanhóis, seriam independentes entre si, mas deveriam prestar contas à Delegação da capital do estado onde estavam estabelecidas, que, por sua vez, passaria os dados ao Rio de Janeiro, onde funcionaria a Chefatura Provincial, independente das outras células fundadas no continente americano. Na então capital federal, apesar do pequeno número de adeptos, o partido conseguiu fundar um núcleo da Seção Feminina.

O grande problema enfrentado pelos falangistas no Brasil foi o número de afiliados. A maioria dos imigrantes espanhóis no país era simpática à República espanhola, o que impedia o crescimento do partido. O grupo falangista em São Paulo era de aproximadamente trinta pessoas apenas, apesar do expressivo número de imigrantes espanhóis na cidade. Outra barreira para Falange para aumentar os seus quadros foi o veto à entrada de brasileiros natos no partido. Essa proibição foi devido ao ingresso de pessoas consideradas “suspeitas” nas filas do partido, e por isso antes da afiliação o candidato deveria ser investigado pelos demais membros, para evitar que simpatizantes à causa republicana ingressassem no partido como espiões. Isso porque, as divisões ideológicas que ocorriam na Espanha foram transplantadas para a colônia no Brasil; exemplo disso é a própria Câmara de Comércio Brasil-Espanha, que no Rio de Janeiro se declarou fiel à República espanhola, mas que em São Paulo se declarou simpática a Franco.

Pese às dificuldades e às divergências internas, o grupo de FET e das JONS no Brasil conseguiu enviar alguns donativos ao exército de Franco, como alimentos, cigarros e dinheiro. Os falangistas também conseguiram fundar uma pequena publicação, *Notas de Espanha*, que circulava entre as células falangistas no país. Um dos elementos mais característicos da Falange, as milícias, não foram implantadas em nenhuma célula do partido no exterior. O Serviço Exterior do partido reconhecia que isso atentava contra a soberania das nações onde Falange funcionava com o consentimento e inclusive alguma simpatia por parte das autoridades. Com relação às autoridades brasileiras, tanto a “embaixada oficiosa” de Espanha quanto Falange contaram com a discrição e em alguns casos até mesmo com o efetivo apoio das autoridades. Essa situação gerava

muitos protestos por parte da embaixada oficial da Espanha no Brasil; afinal de contas, o governo brasileiro ainda mantinha relações diplomáticas com a República Espanhola.

Apesar desta velada colaboração das autoridades brasileiras, a situação para os falangistas tornou-se crítica quando, em abril de 1938, através do Decreto 383, o governo de Vargas proibiu a atividade política de estrangeiros no Brasil, como consequência de campanha nacionalista de Vargas para diminuir a atuação de forças estrangeiras no país. O decreto estabelecia a impossibilidade dos estrangeiros de organizar, criar ou manter estabelecimentos de caráter político, bem como a difusão de propaganda e idéias ou programas políticos, permitindo a associação apenas para fins culturais e recreativos.

Isso foi um duro golpe para Falange, comprometendo seriamente suas atividades. A saída para o partido, assim como para outras tantas associações políticas estrangeiras, foi desmembrar-se e se camuflar em associações recreativas e centros culturais para fugir da fiscalização das autoridades brasileiras.

Essa medida também se fez necessária em outros países latino americanos onde haviam células falangistas, devido às pressões norte americanas contra a atuação de entidades fascistas no continente. Além disso, deve-se acrescentar outros problemas, como divergências internas, dificuldades financeiras e a derrota do fascismo na Segunda Guerra Mundial; esse quadro fez com que, paulatinamente, as atividades falangistas em diversos países se extinguissem. Quanto ao Brasil, não foram encontrados registros do encerramento definitivo das atividades, mas há documentos que demonstram que os adeptos à causa atuaram no país até os anos 50. Por exemplo, em março de 1940, o Serviço Exterior do partido registrou a nomeação de um novo delegado para Falange no Brasil, a pesar da proibição quanto à atividade de partidos políticos estrangeiros no país. Outro fator que nos indica a continuidade da atuação dos falangistas no país foi a presença do Embaixador de Espanha junto ao governo brasileiro, Raimundo Fernández Cuesta (1897-1992), de maio de 1940 até janeiro de 1943. Fernández Cuesta foi um dos fundadores de Falange e amigo pessoal de José Antônio Primo de Rivera, e já havia atuado como secretário geral do partido. Sua presença incrementou as atividades falangistas no

Brasil, que então se constituíam basicamente de algum auxílio social entre seus afiliados e ao culto a José Antônio, culto esse plenamente incentivado pelo governo de Franco. Em 1951, a presidente da Seção Feminina brasileira chegou a participar do Congresso Feminino Iberoamericano na Espanha, que reunia representantes de diversos países.

A partir desse ponto, por enquanto, é difícil definir o que aconteceu com FET das JONS no Brasil. Possivelmente teve a mesma sorte que os demais grupos falangistas fora das fronteiras espanholas: extinguiu-se aos poucos, como resultado da pressão mundial contra a atuação de grupos fascistas. Somente a continuidade das pesquisas poderá nos responder essa questão.

Notas:

1. As pesquisas foram realizadas no *Archivo General de la Administración* (Alcalá de Henares) e no *Archivo del Ministerio de Asuntos Exteriores* (Madrid), e fazem parte do trabalho efetuado para a realização da tese de mestrado intitulada “*Ecoss de una guerra: los reflejos de la Guerra Civil Española em Brasil*”, defendida na Universidad de Valencia, Espanha, em maio de 2003.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. THOMAS, Hugh. *A Guerra Civil Espanhola*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1964.
2. JIMÉNEZ, José Luis Rodríguez. *Historia de Falange Española de las JONS*. Madrid: Alianza Editorial, 2000.